

Resenha
(Renilda Gonçalves do Amaral)

O livro **A Pedra**, de Inocência Mota, editado pela Artletras/Brasília-2021, contém 116 p. e configura-se como uma narrativa poética reflexiva, de linguagem simples. O texto estrutura-se em 28 capítulos, não considerando o prefácio e agradecimentos. As primeiras reflexões são, em princípio, ambientadas na praia; o narrador/personagem encontra-se em férias.

No cap. 2, o fato, alinhavado em todo o livro, apresenta-se: a narradora encontrou uma pedra. Já no cap. 3, para justificar a apropriação, a autora criou a figura da amiga (que achou a pulseira); falou sobre os casacos esquecidos na escola. Chegou à conclusão de que a pedra era do mar, assim não correria o risco de encontrar seu dono, enfim, se o mar viesse reivindicar propriedade, “alegria usucapião”.

A partir do cap. 4, torna-se explícita a intencionalidade da autora de dar vida à pedra, em um processo intenso de personificação até o final da obra, “talvez fosse do mar e para lá quisesse voltar”. Assim, confere à pedra características humanas, sentimentos, “é ruim estar onde não se deveria”; atribui também ações “e se não soubesse mais mergulhar? Se quisesse conhecer novas paragens? Sair para passear e conhecer areia e sol? Emergir seria a opção”.

E a narradora iguala-se à pedra, “...Iguamente a mim, talvez, quisesse continuar aquela caminhada, dar umas voltas e ser acariciada por um ventinho suave, mas insinuante”. Enfim, o eu-lírico admitiu que a pedra era do mar, porém não sabia o motivo pelo qual ela estava ali (vai tentando explicar o porquê no transcorrer da narrativa).

Outros recursos a que recorre a autora para introduzir o assunto sobre o qual deseja discorrer são as digressões que retomam fatos de conhecimento público (no cap. 2, a narradora cita o caso do Césio 137 em Goiânia); ou registros de cunho jurídico; ou ainda faz incursões psicológicas como a que se refere ao possível “abuso de poder do mar”.

Muitas vezes para cunhar ou fazer valer seu pensamento, utiliza argumento bíblico de autoridade, bem como cita renomados autores da literatura nacional e internacional e até inventa palavras: “pedricídio”. Provoca o leitor quando, no cap.7, fala sobre “superstições”. Seria mesmo “atraso de vida” acreditar em superstições? E declara: “mas em respeito a essas crendices, é que por via das dúvidas não passo debaixo de

escadas”. E termina o cap. 7 acariciando a pedra. No cap. 8, considera que levar a pedra para casa é “quase um casamento”.

O tópico “Adaptação” é bastante significativo; para introduzi-lo, a narradora reflete sobre o processo de adaptação da pedra ao esconderijo; técnica bastante apropriada para motivar o relato da conversa com sua irmã.

Enfim, o texto de Inocência é pontuado por reflexões advindas da alma, bem humorado, leve e doce. Se a pedra existe? Não sei. Tornou-se um amuleto? Tomara! Surpreendo-me, refletindo se a pedra é parte de Inocência ou veio ao seu imaginário para tomar, captar, um pouco de sua ternura, de sua emoção e do ser humano que a autora é.